

A Organização Psicótica na Adolescência: Considerações sobre a Subjetivação de Shreck¹

The Psychotic Organization in the Adolescence: Considerations about Shreck's Subjetivation

Maria da Graça Gastal Borges Fortes²

“...Tenho a impressão que isso me enche a cabeça de todo tipo de idéias. Infelizmente, ignoro quais são essas idéias! No entanto, alguém matou alguma coisa: isso é o que é claro lá dentro...” Lewis Carroll, Do outro lado do Espelho e do que Alice encontrou aí.

Resumo: Considerando a experiência clínica, o autor examina os investimentos libidinais narcísicos envolvidos na subjetivação de crianças e de adolescentes psicóticos. Aborda a produção de sintomas, a tramitação do desejo, o lugar do ego ideal, super-ego e ideal de ego paterno e materno, bem como dos avós neste processo, visível na mitologia moderna como a história do ogro moderno, Shreck.

Summary: Considering clinical experience, the author examines the narcissistic libidinous investments involved in the children's subjetivation and psychotic adolescents. He approaches the production of symptoms, the transaction of the desire, the place of the ideal ego, super-ego and ideal of paternal and maternal ego, as well as of the grandparents in this process, visible in modern mythology as the history of the modern ogre, Shreck.

Descritores: patologia do vazio, distúrbios da linguagem, deficiência mental, patologia do déficit e corpo despedaçado.

Keywords: pathology of the emptiness, language disturbance, mental deficiency, pathology of the deficit and torn into pieces body.

¹ Porto Alegre, Outubro de 2006.

² Psicóloga, graduada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e aluna do 3º ano do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica do Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinariedade.

É pelos diferentes modos como o adolescente se relaciona com a alteridade, com o outro e com a realidade compartilhada, que ele imprime seu colorido ao mundo aproximando-se da possibilidade de viver plenamente, ou de morrer em plena existência. O grau de *espetacularização* e de *bizarrrização* são parâmetros de modalidades de inclusão na psicopatologia que, juntadas às variáveis relativas à intensidade e ao tempo, permitem distinguir distúrbios específicos e sua gravidade (Graña, 2004). O presente estudo objetiva, a propósito da clínica, revisar estes parâmetros da organização psicótica na adolescência, tentando abarcar a psicodinâmica familiar e do adolescente, bem como as características da organização psicótica. O assunto emergiu em decorrência de um paciente de dezessete anos, com diagnóstico médico de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) aos oito anos e desde então em uso de metilfenidato. A avaliação mostrou a organização psicótica da personalidade, sem sintomas psicóticos proeminentes. Estes achados nos levam ao questionamento dos diagnósticos estabelecidos somente na base de critérios nosológicos, sem levar em conta o contexto no qual o paciente está inserido, nem o significado dinâmico das manifestações do seu comportamento, descumprindo a própria avaliação global, dos cinco eixos do DSM IV.

As Figuras Parentais

No momento em que a mulher sabe-se grávida, inicia-se uma relação imaginária mãe-filho, na qual a criança passa a ter, no imaginário materno, um corpo integrado e completo, com todos os atributos desejados, ao qual Piera Aulagnier denomina "*Corpo Imaginado*". É esse corpo imaginado que possibilita um investimento libidinal na criança, enquanto corpo separado, pois é nesse início alienante que se dá a inserção do sujeito na cadeia significativa que permitirá que ele possa ser reconhecido e reconhecer-se como algo diferente de um simples acidente biológico. Ser mãe representa para qualquer mulher uma experiência onde reviverá, do modo mais surpreendente, sua própria representação primária. É necessário que ela tenha uma estruturação de ego capaz de, paradoxalmente, desinvestir-se narcisicamente em favor da criança, ou esse corpo gerado em seu corpo passaria a ser um prolongamento seu, como uma célula gerada e alimentada por ela, sem a participação da figura paterna, incrementando dessa forma a sua onipotência. O que pode ser chamado de "*dimensão histórica materna*", é indispensável para que o sujeito seja reconhecido como um elo que vem a se integrar na cadeia de significantes, na qual ele é o fim e cujo prosseguimento tem que garantir (Aulagnier, 1990).

Lacan (1998) refere que quando o *Nome do Pai*, como significante da lei (proibição do incesto), não se metaforiza nestas mulheres, a lei perde sua eficácia, sendo utilizada de forma arbitrária. Piera Aulagnier (1990) diz que observou nas mães consideradas "*mulheres fálicas*" uma relação singular com a lei, ou seja, *elas não fazem a lei; são a própria lei*. Assim, não existe falta, logo não existe desejo, portanto não são mulheres desejantes de um filho, mas de algo que as complete. O desejo materno, através da forclusão do Nome do Pai, dribla o *Outro* com seu desejo e, na imagem recíproca deste desejo, captura indissociadamente o filho. A função paterna é fundamental na constituição do psiquismo e, quando ela ocorre de forma incipiente, não conseguindo elevar-se a um estatuto de representante psíquico, o Nome do Pai opera de modo efêmero. Como resultado, o movimento psíquico de substituições simbólicas fica impedido. Os fracassos das substituições simbólicas se projetam para fora e retornam

como “*uma expectativa vazia*”, na qual o pai simbólico não opera na realidade inconsciente (Romano,1997).

Para Dolto (1971), os pais de crianças psicóticas apresentam uma estrutura pré-edípica e encontram na organização inconsciente de um e de outro falhas semelhantes. A impossibilidade da resolução edípica dos mesmos impede a vida sexual adulta satisfatória, livre da angústia de castração, devido à subordinação a um pseudo-superego, que permaneceu infantil. Assim, a criança, como uma extensão de seus próprios egos, fica colocada na posição de culpada na expressão de sua autonomia, uma vez que eles mesmos não conseguiram libertar-se de sua culpa infantil. Como um par neurótico, ficam fechados sobre si mesmos, dedicando-se apenas de forma mecânica, à manutenção material de seus filhos, que não são fruto de um desejo maduro.

Muitas vezes os avós, que originaram essa neurose, permanecem interferindo no lar de seus filhos, agora pais, e na educação de seus netos. Assim, são necessárias três gerações de neuróticos para a gênese de uma psicose.

A Criança

Tanto as falhas da função materna quanto as da função paterna se sobrepõem e afetam a pulsão e seus derivados psíquicos, levando a um estado constante de tédio, de vazio e da incapacidade de pensar. A recusa e a forclusão passam a ser usadas, predominantemente, em detrimento da repressão, que fica num segundo plano, gerando o psiquismo com rupturas das cadeias simbólicas e dos laços afetivos (Romano, 1997). A linguagem arcaica (*anobjetal*), bem como a primeira linguagem, origina-se na relação da mãe com o bebê; comunicam-se inicialmente através de modulações afetivas, vinculadas a vivências de bem ou de mal-estar. Este jogo de sinais, conhecimento e reconhecimento mútuo, possibilita o surgimento do significante do prazer e da dor. Quando a criança não encontra alguém capaz de conter suas percepções, torna-se incapaz de integrar-se como ser humano.

“Se esse fenômeno da ausência de um encontro auxiliar ou complementar é concomitante na sua vida, no meio de outros seres humanos, esse nada que o encerra e oprime chama-se ninguém” (Dolto, 1971 p77).

A criança passa a reconhecer sua imagem no espelho e, a partir dos gestos que ela experimenta ludicamente, inicia-se a constituição do seu próprio corpo. A partir do olhar do *Outro*, a constituição da sua identidade. É neste período que ocorre a identificação constituinte do eu por alienação, que se dá a partir do desejo do *Outro*. Dessa forma;

“O sujeito está constantemente entre duas mortes: ou morre no Outro, ou no nada”³ (Lacan, 1998).

Se pensarmos na primeira relação da mãe com o “*corpo imaginado*” como fruto de sua onipotência, o “*corpo real*” passa a ser nada mais que um prolongamento do narcisismo materno e assim:

³ Termo utilizado por Roberto Granã no grupo de estudos (2006) de Lacan

“Antes de ser um corpo espedaçado, a criança é um corpo feito de pedaços, pois só assim fragmentado é que pode continuar testemunha da lei materna; separada da mãe espacialmente, permanece indissolivelmente ligado a ela ao nível daquilo que é da ordem da funcionalidade” (Aulagnier, 1990. p20).

Como consequência, a criança psicótica vê no espelho o que constituiu, na sua história, o corpo imaginado, e isto lhe enche de horror. Ela se vê, como o *Outro* a percebe, ou seja:

“Um conjunto muscular mantido unido, sustentado e articulado pelos braços que o aprisionam ou pelo aparelho que o contém: O que se desenha no espelho é ele mais o Outro, porém o Outro enquanto agente da castração; e ele como lugar da castração. Este corpo inexoravelmente castrado porque jamais reconhecido em sua autonomia desejante” (Aulagnier, 1990. p21).

A mesma autora postula que no psicótico não ocorre o encontro do Eu (*Moi*) com o *Outro* especular, *Ego Ideal* que possibilitará a imagem unificada. Ele permanece com um vazio libidinal especular, que o impossibilita do lugar da fala e o aprisiona no estagio da demanda. A capacidade de desejar fica bloqueada, garantindo o poder da mãe sobre a criança. As demandas são sempre atendidas, mas a qualquer sinal de desejo, que é uma tentativa de autonomia do Ego, a criança terá um “*não*” como resposta. Então, toda vez que o sujeito tenta apoiar-se no Eu (*Je*), movido pelo desejo, passa a ser o espectro de um corpo castrado que o *Outro* faz surgir diante dele. Assim, o “*Ideal do Ego*” é o sujeito enquanto significante do *Outro*, significante reconhecido pelo *Outro*. Nesse caso, o que a mãe lhe oferece, como único significante reconhecido por ela é esse “*ser sua lei enquanto fora -da - lei*”. O sujeito nada poderá ver nem compreender do conjunto que o constitui. Ele é o significante do *Outro*, talvez um significante para os *Outros*, mas um significante que não tem a menor referência para se reconhecer e se nomear.

As características da organização psicótica

As *patologias do vazio* são caracterizadas pelo registro de dor e sofrimento, *não qualificados pela consciência*. As crianças se entregam ao auto-erotismo, apresentando bruscas interrupções no pensar, no representar, no sentir e no comunicar. A condição destes pacientes é o vazio. São engendrados na desesperança, na ausência e na não-existência. Utilizam-se de holófrases como “*Não sei*”, “*Nada*”, etc. (Romano, 1997). Dependendo da intensidade dessas organizações desorganizações, essas crianças podem entrar num estado psicótico. Conforme Freud (1924) citado por Misès (1977):

“Na psicose a realidade não é percebida ou é ineficaz. A oscilação de novas percepções é recusada, a significação (investimento) é retirada do mundo interior que, até então, constituía o retrato do mundo exterior”.

No entanto, uma década mais tarde, o próprio Misès diz que a resistência tanto à psicose como à neurose seria uma característica distintiva das patologias limítrofes ou estados fronteiros. A ausência ou pobreza de comunicação, uma discrepância no desempenho das funções intelectuais, bem como distúrbios afetivos com crises de risos, cólera, intolerância à

frustração, rápidas oscilações de humor e intensa angústia de desintegração são características que impregnam a realidade dessas crianças.

A criança em condições normais busca assegurar sua diferenciação, sua autonomia, o reconhecimento do interior em relação ao exterior, do todo em relação à parte, do passado em relação ao presente. Estes parâmetros não são diferenciados nem importantes para a criança com uma organização psicótica. Assim, vivem num estado de suspensão psíquica que se caracteriza pelo desinvestimento libidinal prolongado no tempo, sem perspectiva de mudanças e que leva à inibição de ações eficazes, da capacidade de fantasiar e de existir. Toda a possibilidade de experienciar o novo é descartada e postergada pelos sentimentos de indiferença, de falta de vontade e de constrição dos afetos (Romano, 1997). Estas crianças não se dão conta de suas carências e, portanto, não são queixosas, não são agressivas nem submissas; são frequentemente indiferentes. Sem ancoragem simbólica identificatória, as vivências de espaço e tempo são próprias; não correspondem ao real. O processo de historicização e de identificação ficam retidos; ocupam uma posição intermediária entre o sujeito e o objeto. Tornam-se imagens sem conteúdo, ocupando o lugar de excluídos e incapazes de serem sujeitos de suas próprias ações.

“Habitantes de um corpo suspenso a que nenhuma palavra ou sentimento consegue afetar ou comover, em que não há incremento nem desinvestimento da excitação”.

Ou seja, trata-se da *prolongação do nada no nada*.

Na criança psicótica, ocorrem distúrbios de linguagem que pode estar ausente, ter o desenvolvimento atrasado ou ocorrer de forma anárquica. Às vezes, emite ruídos bizarros e estereotipados, um cantarolar e a ecolalia são freqüentes. Nota-se anomalias na melodia da fala, distúrbios articulatórios são constantes, bem como dificuldade no uso de pronomes. O “eu” é substituído pelo “ele” ou pelo nome da pessoa ou do *Outro*. O “sim” raramente é adquirido (Misès, 1977). Esses pacientes com organizações psicóticas possuem falhas arcaicas onde a linguagem falta, em parte ou totalmente. Para entendê-los é necessário compreender que as variações das tensões do mundo interno tornam-se pouco capacitadas de serem expressas através da linguagem.

“Impressões estranhas, fantasmas do passado, que eles tomam por sinais de presença atuais, vêm interferir nos seus contatos com o meio. Assim é que suas expressões, que parecem imotivadas são sempre motivadas, mas o são pelos fantasmas, isto é, por uma vida imaginária que absorve todas as energias e não lhes permite apreenderem a realidade que os cerca. A sua imobilidade, às vezes total, o seu mutismo, por vezes absoluto, os seus sorrisos, os seus mecanismos de defesa não adaptados à situação atual, os seus gritos, gestos, palavras delirantes, estereotipadas, conjuratórias, são para eles, justamente manifestações de uma linguagem, quer dizer, uma expressão simbólica de suas tensões internas; mas essa linguagem não parece visar mais à comunicação de seus sobressaltos e emoções a esta outra realidade - a de que estamos atualmente diante deles” (Dolto, 1971 p177).

Outro elemento significativo é que a linguagem não tem a verdadeira função de comunicação com o *Outro*, ou pelo menos, o prazer não reside nesta comunicação. A indiferença pela linguagem do outro é habitual. A criança não responde a seu nome, parece

indiferente a ruídos. Uma observação atenta, entretanto, pode revelar uma “*compreensão periférica*” (Misès, 1977). A comunicação torna-se interrompida; a expressão, incompreensível e o isolamento, a proteção. A presença do *Outro* é vivida como perigo. Assim, fogem ao desejo de estabelecer contato, apresentando reações estereotipadas, ou não reações. Este comportamento, porém, não implica não-percepção, ao contrário, trata-se da anulação ativa da mesma.

É importante salientar que existem as psicoses de *expressão deficitária* que, segundo Misès (1977), caracterizam-se por perturbações na organização da personalidade na qual ocorrem alterações na comunicação com prejuízo no teste da realidade e déficit intelectual variável. Dessa forma, pelo seu polimorfismo se confundem facilmente e, como consequência, em determinadas situações ocorre a valorização da psicose em um quadro deficitário; em outras, o reconhecimento deficitário em uma organização psicótica.

Sobre a Clínica

Para ilustrar este trabalho apresentaremos o caso de um paciente adolescente e faremos essa apresentação como se fosse um conto infantil, em função das características do comportamento do paciente, de sua comunicação etérea, de seu humor sutil e perspicaz, bem como do colorido especial de nosso vínculo ser apropriado a tal modalidade narrativa.

O Príncipe Shreck e a Floresta Encantada

Vocês conhecem o rei e a rainha de Copas, aqueles que moravam no País das Maravilhas? Aquele país que um dia a Alice visitou? Pois é, eles estavam sentindo-se muito infelizes e havia muitos anos mudaram-se para outras terras, fundando um novo reinado. Pensavam eles, que assim fazendo, iriam encontrar a “*tal de felicidade*”. Os anos passavam... Eles davam recepções no palácio, iam ao teatro e a festas, viajavam, mas a “*tal de felicidade*” parecia cada vez mais distante. Foi aí, que eles resolveram ter um filho. Claro! Uma criança encheria o palácio de alegria e felicidade. Assim nasceu o Príncipe Shreck.

Era um lindo bebê, e mais, conforme ia crescendo foi mostrando-se muito inteligente... Um gênio. Seus pais, desde o início, disputaram seu amor. Quando chorava, a rainha corria para consolá-lo, mas o rei corria atrás e arrancava o príncipezinho dos braços de sua mãe. O mesmo acontecia, quando ele estava doente ou, quando ele se machucava. Nesses momentos, seus pais brigavam muito e quase esquartejavam o príncipezinho que, indefeso, nada podia fazer.

O rei e a rainha chegaram a pensar em dividi-lo, com um machado. Mas desistiram, pois pensaram que isso poderia machucá-lo. Então resolveram ter outro filho. Assim, cada um teria o seu e acabariam as brigas. Nove meses depois, nasceu uma linda princesinha.

Nesta época, Shreck estava com três anos. Cheio de vontades que era e com ciúmes da irmã que recém nascera, começou a mostrar-se desobediente e agitado. Para a rainha, tudo o que ele fazia estava errado e ela queria puni-lo, o rei, entretanto, sempre perdoava. Isso aconteceu até o dia em que Shreck, por brincadeira, baixou as calças de seu pai na frente de toda a corte. Isto o rei não perdoaria! Foi muita humilhação. Pior, foi quando Shreck começou a aprender as letras. Ele não parava quieto, não se concentrava e, portanto não aprendia. O preceptor exigia do príncipezinho uma disciplina que ele não havia aprendido no palácio. Começaram a achar que o menino era burro e que não teria jeito. O rei, decepcionado, pelo fato de Shreck não corresponder às suas expectativas, passou a ignorá-lo, devotando seu amor,

junto com a rainha, exclusivamente para a princesinha. Esta sim, mostrava-se dócil, linda e inteligente.

A cada dia que passava, Shreck sofria mais, com a indiferença do rei e os maus tratos da rainha. Ele havia-se transformado em um ogro aos olhos de seus pais. Embora desejasse, não conseguia fazer amigos e todos riam dele no reino, inclusive sua irmã. Tornou-se triste e confuso. A imagem que percebia no olhar de seus pais não coincidia com a que ele via no espelho. Ora ogro... Ora príncipe. Afinal, quem ele era? Sentia-se estranho, com a sensação de estar entrando em si mesmo... Virando do avesso. Solitário, cansado de estar sempre errado e de ouvir os gritos da rainha, Shreck resolveu dar um passeio na floresta que havia nas proximidades do palácio. Caminhou durante muito tempo; já não sabia bem onde estava, quando avistou uma luz dourada no centro da floresta. Nunca vira nada semelhante! Aproximou-se. Era uma clareira, onde tudo era muito diferente. As árvores eram azuis e tinha uma casa de vidro em cima de uma delas. Shreck se aproximou e viu um arco-íris que servia de escada. Ele levava até a porta da casa e depois seguia até penetrar no céu amarelo, repleto de nuvens cor-de-rosa com os mais diversos formatos. Encantado e ao mesmo tempo assustado, olhou em volta e viu muitos animais. Eles eram coloridos, falavam, flutuavam no ar e muitas vezes se desmembravam adquirindo novas formas. Era muito engraçado e divertido.

Em um determinado momento, Shreck viu um ponto luminoso entre as folhas de uma enorme árvore. Ficou olhando, curioso e a imagem começou a aumentar e se aproximar, como se ele estivesse olhando através de uma luneta. Percebeu, então, que se tratava de uma teia de aranha, toda feita de fios prateados. Ela não parava de aumentar de tamanho. Cada vez ficava mais próxima, até o ponto em que ele se percebeu dentro da mesma. Lá, havia uma velha aranha de óculos, sentada em uma cadeira de balanço, tecendo a sua teia. Ele assustou-se, mas ela lhe convidou a entrar e jogar cartas. Ele ganhou várias vezes. Dona aranha mostrou-se intrigada, pois ela estava acostumada a ganhar sempre. Shreck explicou, então, que só havia ganhado o jogo, pois conseguia enxergar suas cartas através do reflexo dos óculos da mesma. Riram muito e Shreck se despediu, pois queria continuar explorando o lugar.

Assim, ele foi até a casa de vidro, brincando, no caminho com todos os animaizinhos que encontrava. Quando chegou lá, estava cansado e com fome. Viu que tinha pães-de-queijo. Assá-los? Não. Era muito demorado. Porque não fritá-los? Quem diz que pães de queijo têm que ser sempre assados? Feliz, ele come os pães fritos até fartar-se. Que horas seriam? Que importava se era dia ou noite? Aliás, ali o tempo parecia não passar, os ponteiros do relógio pareciam não se mexer e os raios de sol não mudavam de intensidade. Todavia, ele estava cansado e resolveu deitar numa cama fofa que havia na casa. Adormeceu. Nos seus sonhos, começou a ouvir a canção que sua mãe lhe embalava, quando bebê:

*“Fale rudemente com seu bebê
Nele bata, quando espirra
Tudo o que ele faz é para lhe aborrecer
É só o que ele sabe fazer”.*

Quando ele acordou, estava em sua cama no palácio. Inicialmente ficou muito decepcionado, pois não queria ter voltado do lugar encantado. Mas logo se deu conta, mesmo estando muito confuso, que a floresta encantada lhe pertencia, estava dentro dele... e que ele poderia voltar sempre que quisesse. Assim, hoje, Shreck vive em dois mundos. No palácio junto com seus pais, ele é um ogro. Feio. Sujo. Burro. Na floresta encantada, ele é um príncipe, aceito por todos e capaz de fazer amigos. Portanto, é na floresta que ele passa a maior parte do seu dia. Afinal, lá o tempo não existe, e ele pode viver feliz e tranquilo com suas esquisitices, sem medo de ser maltratado, sem medo de se tornar bobo, sem medo que riam dele.

O que os sábios pensam de Shreck

Por estar muito inquieto e dispersivo, Shreck foi encaminhado a atendimento pela escola; agora ele tem 17 anos e está na 8ª série do ensino fundamental. Faz tratamento medicamentoso desde os oito anos de idade e usa metilfenidato. Conforme diz a Rainha, Shreck foi muito desejado e, quando nasceu, mostrou-se agitado, embora ela fizesse tudo o que o pediatra recomendava e seguisse a risca os livros especializados em puericultura, o menino chorava muito e se mostrava bastante agitado. Apesar disto, o casal real passou a disputar o amor do príncipezinho:

“Eu fazia tudo direitinho, e amamentava 15 minutos em cada peito, trocava, dava banho. Mas ele estava sempre chorando e quase me enlouquecia. Às vezes, eu nem esperava que ele chorasse, porque tinha medo que desse hérnia. O Rei também era assim, acho que ele não queria que Shreck se apegasse a mim. Eu ia pegar o guri no colo e ele o arrancava dos meus braços. Eu virei um caco, cheia de olheiras e fiquei muito magra”.

A rainha sempre teve muito cuidado com o príncipezinho. Cuidados mecânicos e operatórios. Porém, segundo Romano (1997), para que a criança possa se integrar como ser humano, não basta que tenha suas necessidades materiais atendidas. Dolto (1971) nos diz que a criança necessita de uma mãe capaz de ser empática estabelecendo com ela, desde o início, uma comunicação não-verbal através de modulações afetivas que sejam capazes de conter e significar suas tensões internas, possibilitando o surgimento do significante do prazer ou da dor. A Rainha é uma mulher bonita, simpática e sedutora, porém muito agitada e pretende que o mundo gire em volta de suas demandas, denotando características fálicas. Perdeu o pai na infância e, por esse motivo, desenvolveu estreita relação com a mãe, não se separando dela nem por ocasião de seu casamento, pois ela ajudava nas despesas domésticas.

Atualmente, a Rainha diz-se muito preocupada com o príncipezinho, entretanto não o ajuda nas tarefas escolares, não cumpre as indicações terapêuticas, esperando que magicamente a escola e ou a terapia transformem aquele que ela vê como um “ogro” em um príncipe novamente. O Rei, por outro lado, é um homem apagado, deprimido e desvalorizado pela Rainha, pois nunca teve como suprir as necessidades materiais de sua família. Ela considera as dificuldades de Shreck provenientes da genética da família do Rei, pois a avó paterna suicidou-se, quando o Rei ainda era um menino. Ele também não teve um pai presente (avô Shreck), pois quando sua mãe morreu foi entregue aos cuidados de uma tia e teve pouco contato com o pai. É pela relação com mãe que a realidade chega à criança, através de referências identificantes, inclusive da marca paterna. A maneira pela qual a criança será investida dependerá do lugar que o pai e a mãe ocupam um frente ao outro, bem como pela forma como se deu a resolução da conflitiva edípica nos mesmos. Dolto (1971) nos diz que a psicogênese da organização psicótica ocorre em situações nas quais as figuras parentais, por dificuldades na constituição do seu próprio psiquismo, se tornam incapazes de perceber a criança como um ser autônomo, colocando-a como extensão de seus próprios egos.

Para Aulagnier (1990) a forclusão do Nome do Pai faz com que as “mulheres fálicas” apresentem uma relação singular com a lei: Colocam no lugar da lei, de maneira que não ocorre a falta gerada pela castração. Se não existe falta, não existe desejo. Portanto, um filho passa a ser nada mais do que um acidente biológico. Dessa forma, o filho não é percebido enquanto corpo separado, capaz de ser reconhecido e se reconhecer; são mulheres não desejantes que demandam algo que as complete. A integração do psiquismo da criança também está relacionada à capacidade do pai em exercer a função paterna. Esse fracasso

implica impedimento de substituições simbólicas, nas quais o Nome do Pai torna-se inoperante, ficando a realidade inconsciente como uma expectativa vazia (Romano, 1997).

Quando a princesinha nasceu, Shreck não demonstrou ciúmes, porém tornou-se mais agitado. A Rainha tentava colocar limites, não tinha paciência com as suas peraltices e voltou toda sua atenção para a princesinha. O Rei continuou mimando o menino. A mãe da Rainha, que morava no castelo junto com a família real, também costumava fazer todas as vontades de Shreck que, a cada dia, tornava-se mais difícil. Até os oito anos, seus pais o consideravam superdotado, pois tinha muita facilidade para montar quebra cabeças, bem como jogava no computador desde os quatro anos de idade. Entretanto, quando ingressou na escola, além de agitado as professoras perceberam que ele apresentava dificuldades na linguagem e no aprendizado. Foi encaminhado a um neurologista, porém não apresentou nenhuma alteração nos exames neurológicos. Nesta época teve o diagnóstico de TDAH e de Deficiência Mental Leve. Assim, foi medicado e teve acompanhamento de fono-audiológico e psicopedagógico. Hoje, conforme a rainha refere, Shreck está cada vez pior. Ele se nega a ir ao colégio, chegando a faltar as aulas duas a três vezes por semana. Não faz os deveres de casa e nem as tarefas solicitadas em sala de aula. Quando vai à escola, costuma deambular pelos corredores dizendo estar-se sentindo mal, não assistindo às aulas ou dormindo sobre a classe. Suas preceptoras relatam que seu conhecimento é muito discrepante, que ele tem capacidade de acompanhar algumas matérias da 8ª série, mas que em outras apresenta déficits importantes correspondentes a 5ª, 6ª e 7ª série, porém elas acreditam em seu potencial.

Para Misès (1977), perturbações na organização da personalidade, quando acontece alterações na comunicação, com prejuízo no teste da realidade e déficit intelectual variável, são características das psicoses de evolução deficitária. Pela dificuldade em diferenciar estas organizações de quadros deficitários, muitas vezes ocorre mais a valorização do quadro deficitário numa organização psicótica, podendo também ocorrer o inverso.

A Rainha diz que ele é muito desconfiado, que tem baixa auto-estima, e que é objeto de deboche de seus colegas. Assim, tem poucos amigos, mostra-se desmotivado, não gosta de sair de casa e tem crises de agressividade quando contrariado pela família. No princípio ele gritava e a agressividade era verbal; entretanto há pouco tempo Shreck mordeu sua mãe, quando ela tapou sua boca com a mão para que não gritasse. Quando castigado, porém, mostra-se indiferente.

Misès (1977) postula que as crianças psicóticas apresentam ausência ou pobreza na comunicação, discrepância no desempenho de funções intelectuais, distúrbios afetivos com risos desmotivados, baixa tolerância à frustração e labilidade de humor, podendo apresentar crises de cólera e intensa angústia de desintegração. Não encontram lugar para desabrochar, pois suas identificações são vazias e inconsistentes (Romano, 1997). Impossibilitadas de uma imagem unificada, que ocorre pelo encontro com o *Outro* especular, ficam presas ao vazio libidinal que limita a fala e o desejo. Toda vez que tentam se mover em direção ao desejo e a um ego autônomo deparam com a castração (Aulagnier, 1990).

A primeira vez que vi Shreck, pareceu-me um *latente* e a sua postura era *robotizada*. Sentou-se empertigado, olhando-me fixamente nos olhos e a todas as perguntas que fiz, respondia “*Não sei*” ou “*Nada*”. Quando perguntado sobre o que gostava de fazer ele respondeu: “*Ver filmes na televisão e roncar*”. Nos momentos de silêncio, continuava me olhando e às vezes começava a rir sem motivo aparente e, quando perguntado sobre o que estava acontecendo de engraçado, respondia: “*Nada*”. Depois de longos períodos de silêncio, em que eu me sentia incapacitada de conectar-me, ele diz: “*Naquele quadro tem um número... 200*”. Num primeiro momento não entendi, mas levantei e vi que o quadro que se encontrava atrás de mim era uma gravura com uma tiragem de 200 exemplares. Estranha a sua percepção. Ele continuou: “*Ali em cima parece uma bruxa*”. Verifiquei o que ele estava mostrando; tratava-se de um sombreado no quadro. Este fato me chamou muito a atenção, pois ele viu muitas coisas no quadro, menos o quadro em si, que era a cena em uma cidade medieval.

A maneira como essas crianças se comunicam, muitas vezes, parece estranha, pois sua forma de expressão é motivada pela vida imaginária, dificultando a percepção da realidade. A bizarrice, os gritos, a imobilização ou o mutismo são a expressão simbólica de seu mundo interno e a maneira como conseguem se comunicar (Dolto, 1971). De acordo com Romano (1997) elas utilizam freqüentemente holófrases como “*Nada*” ou “*Não sei*”, denotando a desesperança, a interrupção na capacidade de pensar e de sentir. O seu sentimento é de vazio e de não existência. A criança com uma organização psicótica não tem prazer em se relacionar com o outro, nem comunicar, pois percebe o *Outro* como perigoso. Por isso, muitas vezes parece alheia ao meio; entretanto, o que ocorre não é a falta de percepção, mas uma anulação ativa da mesma (Misès, 1977).

Nos encontros que se seguiram ele mostrou muita habilidade para jogar, usando estratégia e antecipando as minhas próximas jogadas. Geralmente ganhava. Em uma ocasião, falando sobre uma briga que aconteceu em sua casa, por não querer ir ao colégio, ele disse: “*Me sinto confuso*”. Entretanto, nossos encontros são intensos em afeto. Às vezes, ele chega contando alguma façanha sua como: fritar pães de queijo, tirar os pelos da escova de cabelos de sua mãe; em outras, parece sério e com o olhar distante. Seu mundo externo é caótico. Para fugir ele se refugia na floresta encantada, mas esse lugar também é cheio de perigos e pouco aconchegante. Lá, não existe o tempo. É sempre dia. Fica difícil para se orientar. Além disso, não há o aconchego da noite onde possa descansar. Os objetos são fragmentados e isso, às vezes, o assusta. Lá, também tem a Dona Aranha, que, embora muito amistosa, pode prendê-lo em sua teia, fazendo com que ele se desconecte completamente da realidade. Entretanto, ela parece esforçar-se para ensiná-lo a tecer. Tecer um vínculo e talvez... a sua própria identidade.

Considerações finais

A adolescência é um período turbulento que coloca em evidência características de vivências precoces espetacularizando tanto as aquisições, quanto os déficits adquiridos no processo da estruturação psíquica. Durante este período, vários conflitos se intensificam e se reatualizam, podendo ser elaborados ou, não. É na falha dos processos estruturantes do narcisismo, na capacidade de internalização e de transicionalidade⁴ que as psicopatologias podem-se instalar no psiquismo infantil ou se tornar latentes até o período da adolescência, ou da vida adulta.

Devido à extrema complexidade dos sintomas, bem como de seu polimorfismo é que a história da criança e de sua família devem ser investigadas exaustivamente. Pensamos que devemos considerar o sintoma como uma comunicação da criança, e que portanto, deve ser decodificado para que possamos compreender sua linguagem. Caso contrário, corremos o risco de ficar presos a um padrão psicopatológico. Assim, concordamos com Graña (2004), quando ele propõe a reflexão sobre o caráter normativo da psicopatologia e da psicanálise de adolescentes baseado em critérios diagnósticos e em parâmetros de “*normalidade*” adotados pela psiquiatria (DSM) e por psicanalistas influenciados pela Psicologia do Ego que impõe padrões sem respeitar as alteridades culturais e intra-subjetivas. Segundo Winnicott (1983, p59):

⁴ Termo utilizado por Winnicott pela primeira vez em 1951.

“Todas as falhas que poderiam engendrar a ansiedade inimaginável acarretam uma reação na criança e essa reação corta a continuidade existencial. Se há recorrência da reação desse tipo, de modo persistente, instaura-se um padrão de fragmentação do ser. A criança, cujo padrão é o de fragmentação da continuidade, tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia. Assim, pode haver um fator muito precoce na etiologia da inquietação, hipercinesia e falta de atenção”

Acreditamos que foi exatamente isto o que ocorreu na infância de Shreck. Restaram falhas importantes em seu desenvolvimento, que assumiram caráter psicopatológico e induziram a dificuldades com relação à abordagem terapêutica e ao próprio estabelecimento do diagnóstico.

Gratidão ao Professor Roberto B. Graña pelas sugestões teóricas apostas neste estudo.

Referências bibliográficas

1. AULAGNIER, Piera. **Um Interpretete em Busca de Sentido II**. Trad. Regina Steffen. São Paulo: Escuta, 1990.
2. DOLTO, Françoise. **O Caso Dominique**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
3. GRANÃ, Roberto B. A Psicopatologia do Adolescente e o Espectro Borderline. In: **A Atualidade da Psicanálise de Adolescentes: Formas do mal-estar da juventude contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
4. LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
5. MISÈS, ROGER. **A Criança Deficiente Mental**.: Uma abordagem dinâmica. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
6. ROMANO, Eduardo M. **Psicopatologia Infantil y Psicoanálises: La clínica**. Buenos Aires: Nova Vision, 1997.
7. WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

Endereço do autor: mgbfortes@cursohbo.com.br